EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI: REFLETINDO SOBRE A APRENDIZAGEM EM NOVOS ESPAÇOS, NOVAS PRÁTICAS E DESENHOS PEDAGÓGICOS

Ana lúcia Guimarães

Resumo:

Nesse artigo, tentamos entender o que é educar na atualidade. Como ensinar as nossas crianças, jovens e adultos, de maneira que consigam acumular saberes que os auxiliem na complexa missão de transformar suas vidas e também consigam impactar positivamente o mundo social que presenciam e que deixarão de legado para as próximas gerações. Não se trata de compartilhar conhecimentos para uma vida toda, mas sim para toda a vida, que busca criar estratégias, pensar novas maneiras de tornar possível a aprendizagem, de mostrar alternativas mais dinâmicas, criativas, e que podem ser mais atrativas, envolventes e consolidadoras de novas práticas de troca, interação de projetos. Para situarmos as perspectivas do significado da educação e as formas como ela deve acontecer em nossa atualidade, será também necessário elegermos debates sobre conceitos e ideias circulantes no mundo da formação de professores que, certamente, nos ajudarão a também caminhar pelas chamadas inovações educacionais, tão suscitadas nas salas de aula desses tempos. Nesse sentido, estamos falando de uma revisão bibliográfica com reflexões da prática pedagógica na atualidade.

Palavras-chave: Aprendizagem no século XXI, novos espaços de aprendizagem, criatividade, protagonismo, colaboração.

1. Introdução

Nesse artigo, que é parte integrante do livro Ensinar no Século XXI: Reflexões, Práticas e Experiências com Metodologias ativas e Tecnologias digitais, queremos dialogar sobre fazer uma educação de forma diferente do que vem sendo feita. Como assim? É preciso que consideremos os tempos de cultura e sociedade que se constroem nesse século XXI. Sem este início de reflexão e conhecimento não será possível para nós educadores entendermos porque toda hora nos pedem mudanças e adaptações na forma de ensinar e aprender. Queremos então, junto com vocês, trazer algumas constatações importantes para o pensar desta nova demanda educacional, que se convencionou, teoricamente, chamar de Educação do Século XXI.

Sabemos que clássicos e grandes intelectuais já falaram e definiram estes tempos educacionais, no entanto, queremos de uma forma mais prática e simples, se é que vamos conseguir, procurar demonstrar o que pensamos sobre este conceito, e que autores podem nos ajudar a saber um pouco mais sobre o tema.

A educação do Século XXI não é a educação do Século XX. Essa é uma primeira constatação, que para muitos pode ser óbvia, mas guarda em si, um profundo sentido para novas formas de conceber a educação seja ela, das Escolas, seja ela, das famílias. Podemos pensar sobre isso porque temos a compreensão da dinâmica que acontece em nossas vidas diariamente, a cultura, está se redefinindo, atualizando sentimentos, valores e trazendo novos olhares para assuntos antigos e novos.

Além disso, a sociedade de hoje não nos traz mais os mesmos perfis de necessidades profissionais e pessoais como as do século passado. Não é que elas acabaram ou se forma, mas elas se atualizaram, como todas as relações, produções sociais, econômicas, os modos de vida e as ferramentas e tecnologias que apontam no novo horizonte de nossa vida em sociedade.

Assim, dizer que esta educação do Século XXI é uma nova proposta é dizer que é diferente da que estávamos já acostumados a trabalhar no século passado. Podemos fazer referência a autores que trazem estas modificações. O que defendemos aqui é que a educação do século XXI

pé uma educação para construção, seja de novos saberes, seja de novas metodologias, seja de novos projetos. Como metodologia, estamos realizando uma revisão bibliográfica, apontando reflexões com as práticas pedagógicas da atualidade.

2. Educação, Pandemia e Pós-Pandemia- Século XXI

Precisamos considerar o fato de que este artigo é iniciado no ano de 2020, o fatídico ano da Pandemia do COVID-19, que nos colocou todos em isolamento social, saindo de máscaras, estudando de forma remota, muitas vezes com ou sem acesso às tecnologias digitais, tomados, muitas vezes, por abalos e transtornos em nossa saúde mental. Mas, não é possível seguir sem pensar uma proposta de educação deste século e mesmo o impacto que as mudanças no ensinar e aprender trouxeram para a sociedade educacional ao longo deste contexto e no Pós Pandemia. Uma educação desafiadora, de muita construção, revisão e motivação. Hoje para aprender ou construir algum conhecimento é preciso querer. É preciso ser instigado a envolver-se naquela iniciativa de aprendizagem. Dessa forma, já estamos começando a falar da educação do século XXI. E, ressaltamos mais, da educação Pós- Pandemia, o momento que agora vivemos.

Sobre a educação do século XXI, selecionamos alguns autores para formular nossa perspectiva de uma educação em construção. E, também para que vocês entendam de forma didática, este conceito. Fazer um resgate teórico é necessário. E, aqui, privilegiamos algumas descobertas, mas claro está que existem outras referências que podem também complementar nossas contribuições.

Segundo Ferrigno (2010) os jovens podem e devem ensinar muito aos mais velhos. Esta reflexão do autor já nos mostra o quanto na atualidade a geração de professores e pais de alunos da atualidade têm aprendido e trocado para uma nova perspectiva em educação. Nesse caso, o autor lembra que muitos idosos aprendem a usar aparelhos eletrônicos, e então, incluo, celulares, com seus netos. Em seu olhar, os idosos sentem-se satisfeitos por aprenderem novidades e os jovens importantes por assu-

mirem o papel social de professores. Com isso, percebemos, assim, que a geração mais atual transmite valores, conhecimentos do contexto em que estão experimentando, seja no que se refere a linguagem digital, seja no uso de novas ferramentas educacionais. uma educação para novas tecnologias, através do domínio no manuseio de aparelhos eletrônicos e da linguagem digital. Isso também significa, de acordo com o autor, que os idosos ao conversarem com os jovens passam também a entender um pouco mais sobre seus posicionamentos em relação a relação com temas mais polêmicos tradicionalmente como drogas e liberdade sexual. É de fato uma troca oportuna para ambos os grupos.

Trouxemos esta reflexão porque a educação do século XXI conta, essencialmente, com o poder e a vontade de aprender de cada um que nela está vivendo. Tal compreensão demanda que fazer uma educação nesta era da tecnologia digital e de momentos em que professores e alunos são postos em salas de aula virtuais, obrigatoriamente, com denominações de ensino remoto e à distância, novas posturas e atitudes frente aos grandes desafios.

O conhecimento trazido por Freire em Pedagogia do Oprimido faz jus a esse contexto que vivemos de uma educação que precisa formar cada vez mais indivíduos que pensam e são capazes de intervir em sua realidade. Segundo ele, os homens e mulheres se fazem na ação-reflexão, isto quer dizer que é preciso querer se manifestar, posicionar e agir para alcançar a transformação. Com estas palavras, Freire deixa muito claro que o papel do professor é acima de tudo desenvolver a leitura do mundo com seus alunos, problematizando as questões e construindo perguntas, pesquisas, diálogos para possibilitar revisões sociais e culturais. Por isso, ele chama a atenção para nossa condição de sermos incompletos e de experimentarmos questionamentos permanentes sobre as experiências que passam e nos atravessam no dia a dia de uma sociedade em permanente movimento. Mas em Pedagogia da Esperança Freire (2011) traz mais do que mostrar que nós, indivíduos, construímos a aprendizagem em profundo diálogo e embate com a realidade proposta, mas sobretudo, com os diversos condicionantes históricos, políticos e culturais trazidos por circunstâncias do momento em que nos situamos.

É isso...As atividades e práticas da educação do século XXI já estavam postas no cenário social e educacional pré-Pandemia Corona Vírus,

e saltaram, de forma espantosa e urgente, como fundo de cena para a real necessidade de adaptação de modelos educacionais que buscassem a aplicação das ferramentas digitais, metodologias ativas, perspectivas globais de ensinar e aprender, focar no que o aluno quer e como quer aprender, o seu interesse, o processo de participação e interação do mesmo/a na construção ativa de sua aprendizagem, toda uma redefinição da organização didático-pedagógica, a própria re-percepção, reinvenção do espaço sala de aula. Dito isto, vamos assistir e entender que a educação da atualidade é uma educação pautada em recursos, técnicas, metodologias e aprendizados digitais. Mas, ela não é e não deve ser uma educação que despreza a qualidade do saber científico. Podemos, ainda, mais a frente, nos perguntarmos, qual é a educação que fica no pós-Pandemia.

3. Debates e Perspectivas sobre formação de professores, docência online e tecnologias digitais

Valente (2014) em seus estudos mostra que o uso das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs)[1] promovem a autonomia para que o aluno possa buscar o que deseja saber e conhecer através de pesquisas que favorecem o alargamento das informações de forma ágil e que colaboram muito para novos formatos de educar. Pimentel (2020) faz referência a formação adequada de professores para a docência online. O autor considera que tal formação precisa ser responsável, com imersão em práticas motivadoras, interativas e colaborativas. O aluno precisa envolver-se com a construção de seu conhecimento. Essa ideia de envolvimento vamos trabalhar mais com o capítulo que abordamos as emoções em sala de aula.

Santos (2011) o virtual é um espaço concreto para apoiar o trabalho docente, uma verdadeira reestruturação do espaço educativo, um novo espaço que possibilite ainda mais trocas entre os atores do ensinar e aprender, que ocupem espaços de cognição para o favorecimento da construção de uma inteligência coletiva. Sobre a ideia de uma inteligência coletiva, é possível acessar os estudos de Lévy (2003) nos quais ele

[1]TIDICs- Tecnologias da Informação e Comunicação.

traz a clareza desse conceito enquanto uma mobilização efetiva de competências que nos levam a interpretar que a inteligência está em toda a parte em tempo real e deve ser valorizada, pois para ele, ela se distribui entre todos e todos/as indivíduos, já que o saber está circunscrito à humanidade e todos/as nós possuímos conhecimento para oferecer. Nosso valor deve ser destacado em momentos e grupos diferenciados, específicos. Essa inteligência coletiva tornou-se viável com a era das TIDCs.

Uma nova educação pressupõe adicionar conceitos e visões de autores que têm colaborado com esse desenho de propostas pedagógicas, ativas, inovadoras, com a intensa participação de alunos e professores em sua construção. O uso das tecnologias digitais, desempenhos novos de papéis para o professor, que não fica ultrapassado jamais, mas assume novos desenhos de atuação, valorizando ainda mais sua história e identidade.

Nóvoa (2018) apresenta que na lógica da profissionalidade docente, os saberes devem ter um elo com as disciplinas científicas e outro elo com as práticas e com uma dimensão instrumental. Quando ele fala isso, vemos que os docentes de hoje vão se adaptando e entendendo a necessidade dessa adaptação, absorvendo um conjunto de normas que vão sendo construídas e reelaboras pela própria categoria de professores. Por isso, o autor também defende a educação continuada e seus processos de organização em novos cenários educacionais. Uma reconfiguração pedagógica dos conhecimentos presentes no saber humano.

Ainda para Nóvoa (2018) os docentes devem sair de suas disciplinas e dialogar com vários campos de conhecimento, pois a fragmentação do conhecimento é um ponto que merece uma transição para uma visão mais integrada dos saberes e articulada dos conhecimentos, procurando contemplar diferentes áreas de saber. Quando oferecemos um desafio ao aluno, um problema, pois a educação dos tempos atuais, é problematizadora, devemos fazer com que ele, busque a solução do mesmo a partir do cruzamento e integração de diferentes saberes, eis a interdisciplinaridade posta em prática, no olhar de Nóvoa (2018).

Uma outra orientação do pensamento desse autor, vai dar conta de que a proposta contemporânea de educação deve levar ao desenvolvimento da capacidade crítica do aluno, despertar curiosidade, movendo

seu interesse para a aprendizagem e o preparando para um futuro que é desconhecido, mas que ele terá competências e saberes capazes de serem mobilizados para esse enfrentamento, do outro, do desconhecido, do novo, do que ainda não vemos no horizonte.

Consideramos ainda que a visão de Nóvoa (2018) sobre a metodologia de trabalhar com projetos em educação, é de vital importância para a aprendizagem de nosso aluno na atualidade. A partir de seus estudos, ele define que ensino deve significar o projeto de um professor dentro de uma ou mais disciplinas, buscando sempre otimizar o processo de ensino e aprendizagem. Ele ainda destaca que o trabalho com projetos leva mesmo a aprendizagens diferenciadas e inovadoras por parte do alunado.

Um outro conceito importante também é o isomorfismo pedagógico, que segundo Niza (2009), consiste na estratégia metodológica baseada na experiência ao longo da formação docente, considerando o envolvimento e as atitudes; os métodos e os procedimentos; os recursos técnicos e os modos de organização que se pretende que venham a ser desempenhados nas práticas profissionais reais. Trata-se de um planejamento adequado para uma realidade complexa de ensinar e aprender, mas que precisa ser entendida, desenhada e pensada com rigor e de forma que se estabeleça práticas e experiências muito associadas às vivências de cada espaço de aprendizagem.

Com isso, observamos que é necessário mesmo reforçar o grau de incentivo e promoção de metodologias, formações e saberes mais correspondentes no que se refere a estilos e diferentes formas de aprender dos alunos. Uma referência que também nos traz muita ressignificação nesse contexto educacional vem a ser Morin (2006) que desenvolve a teoria da complexidade, informando que na educação há um profundo diálogo entre o que se considera em ordem e o que se considera desordem. Para o autor, essa ideia é fundamental porque envolve alunos e professores como corresponsáveis pelo processo de aprendizagem. Ele diz que homens complexos devem situar-se a partir da sua contextualização e da informação, já que pensamentos fragmentados, levam a decisões erradas, por isso, ele não concorda também com a fragmentação de saberes e defende a articulação dos mesmos. Reforçando a preparação do aluno

para a era das incertezas.

Retomamos Nóvoa (2018), que diz que a educação que vivemos se configura em uma intensa valorização do local, do sentimento de experimentar, sentir, viver e se reconstruir. O autor aponta que o local é o mundo. O mundo dos outros, das crianças. Os conhecimentos são centrais, matéria prima, não têm que estar cortados, em disciplinas, mas em grandes temas, grandes problemas. Ele evoca a chamada revolução da convergência, na qual a qualificação do professor deve ser uma formação profissional, advinda de um lugar nas universidades que forme o professor de forma coerente.

Nesse caminho, também não podemos deixar de referir o pensamento de Perrenoud (2000) e Delors (1998). Perrenoud (2000) aborda as competências a serem aprendidas e trabalhadas na formação educacional da atualidade, procurando mostrar que para o enfrentamento de diferentes situações mobilizar vários recursos cognitivos complementares, de forma harmônica e articulada para encontrar a solução. E Delors (1998) ao enunciar os pilares da educação do século XXI que nos conclamam a entender que no aprender a conhecer, devemos valorizar a curiosidade para a descoberta dos novos saberes, o aprender a fazer, define a capacidade de ser humilde e preparado para enfrentar situações novas na vida, aprender a conviver, trata de direcionar a vivência e empatia com o outro na vida, e finalmente, aprender a ser, nos traduz a iniciativa de desenvolver o máximo as potencialidades humanas, como sensibilidade, imaginação, criatividade, autonomia, protagonismo, colaboração, facilidade de trabalho em equipe. .

Um outro expoente nesse debate, que não podemos deixar de fora vem a ser Moran (2021) que com todas as mudanças trazidas por estes tempos de Pandemia de educação emergencial e necessariamente, remota, e posteriormente, híbrida, nos mostra que rapidamente, professores e alunos tiveram que entender os conceitos dessas formas de ensinar e aprender e também incorporar de forma ágil e dinâmica os valores que fizemos referência nos parágrafos acima sobre a ideia de educação do século XXI. Em recente artigo, o autor, relembra que em contexto brasileiro, o ensino híbrido, que traz a mescla de online e presencial, fortalecido pela presença das tecnologias digitais, ferramentas e aplicativos de interação, teve seu

início no Brasil nos anos 90 e que era chamado de b-learning (blended learning- aprendizagem misturada ou bimodal).

Moran (2021) ainda destaca que é um desenho de aprendizagem que tem sua ênfase no papel que o docente desenvolve a partir da criação de percursos personalizados com apoio de plataformas e aplicativos digitais. E assim, segundo ele, vai integrando atividades didáticas em sala de aula presencial com espaços digitais para melhores e mais significativas experiências de aprendizagem. Esse desenho permite maior combinação de tempos, metodologias, roteiros mais personalizados. Acredita ainda que esses modelos serão implantados aos poucos em concordância com faixas etárias e a progressão e estudos de cada aluno, ocorrerá uma hibridização progressiva. E ela também será a marca das próximas formações continuadas que estão no bojo das diretrizes da educação do século XXI.

Outra observação importante nessa discussão e que Moran (2021) oferece é em relação ao que já referimos aqui, a questão de necessitarmos de escolas bem conectadas, com acesso de computadores para todos, domínio das competências digitais por professores, gestores e alunos e cujo acesso seja facilitado também em outros espaços, fundamentalmente, nas casas de quem ensina e de quem aprende. Vivenciaremos então, para ele, propostas pedagógicas mais flexíveis, abertas, híbridas, personalizadas, ativas e colaborativas, com diferentes combinações, arranjos, adaptações para diferentes realidades sociais e econômicas.

Tais mudanças de visão de mundo, educação e cultura, em uma perspectiva de revisão das demandas da educação do século XXI, tem que passar necessariamente, por um olhar do mundo, da sociedade, que se desenha a partir da desconstrução de rotinas de vida e aprendizagem que a Covid 19 nos apresentou. Sendo assim, além de tudo o que falamos e entendemos como valores, conceitos, práticas que devem ser consolidadas na educação do século XXI, projetam-se novas ideias, práticas pedagógicas e desafios educacionais trazidos por estes tempos.

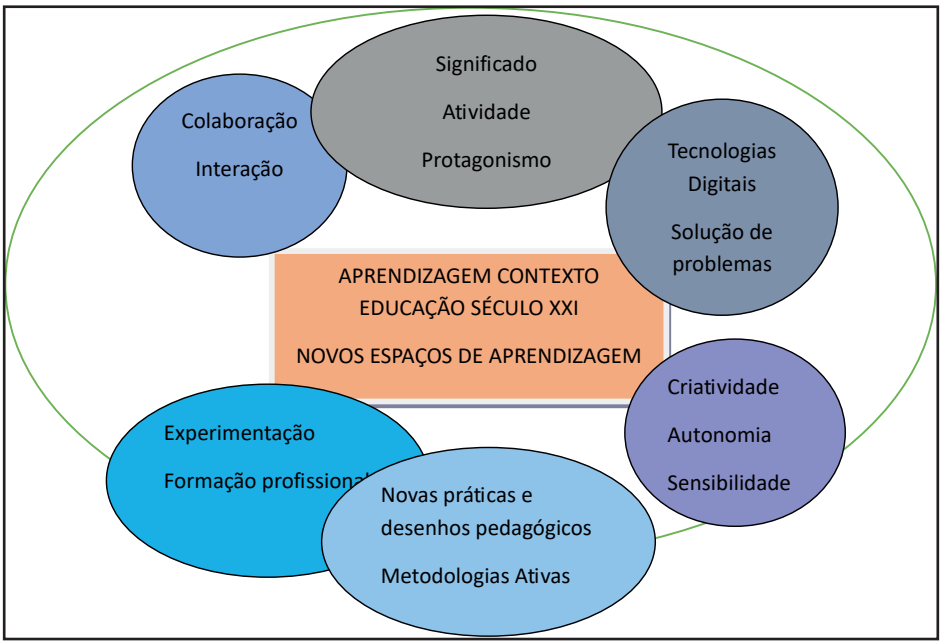
4. Educação Pós Pandemia, valorização da Ciência: Novas práticas e desenhos pedagógicos

Segundo Pessoa (2020) a Covid 19 se mostra como uma doença da globalização. do Estado mínimo, e não da Globalização. Pois ela revela os fracassados e curtos investimentos de recursos em setores importantes para a nossa vida, como saúde, educação e desenvolvimento científico e tecnológico. O autor ainda critica os investimentos neoliberais que se voltaram para a indústria bélica, de fazer guerra, e de medicamentos que buscavam tratar doenças e não as reduzir, alimentando o lucro de corporações farmacêuticas e dar sustentação a uma burguesia vazia de propostas para o mundo educacional.

A análise do autor acima, mostra que o projeto de educação ao longo e Pós Pandemia deve ter como foco, a valorização da ciência e da educação como fontes e aliados da sobrevivência humana. Por isso, a aprendizagem tem que ser estimulada e os diferentes sujeitos sociais provocados para o fenômeno da aprendizagem. Sem o desejo de querer aprender e ser diferente para o mundo sustentável, será difícil praticar colaboração, interação, contextualização, respeito, protagonismo para o avanço da ciência e tecnologia, considerando um futuro viável ao ser humano.

Enfim, os questionamentos sobre como ficamos tão inertes a uma doença que mudou para sempre não só a nossa vida, mas a forma como rotinizamos nosso dia a dia, nossas relações familiares, nossas práticas sociais, nossa forma de fazer pedagógico, de comunicar e de viver. Isso em um movimento mundial, que sinaliza necessidade de preparação, de disponibilidade e humildade para o reconhecimento de quanto ainda não dominamos e quanto ainda não dominaremos, mas sim, precisaremos criar formas de estímulo ao pensar e criar soluções para as próximas páginas de nosso existir. Criar condições culturais que permitam pensar e agir, conforme o inesperado se apresentar. Educação é, nesse sentido, um eterno fazer-se nas trocas diárias, no permitir-se aceitar e entender o outro, procurando ensinar a ele que a mesma solução pode ser encontrada de formas diferentes, mas que também pode não ser encontrada pelos mesmos caminhos.

Então, vamos aprender juntos/as e com as leituras que fizemos até aqui. A educação do Século XXI sugere conceitos que vemos na imagem abaixo:



Fonte: autora, 2022.

E, teremos que abordar, sim, qual é a educação que está e ficará após a Pandemia. Nesse sentido, vamos recorrer aos estudos de Levy (2000) que sinaliza uma educação que vai sendo construída a partir do desenho cultural de uma pedagogia pautada no diálogo, reflexão e colaboração. Tal pensamento também vai inquietar professores e educadores de nossos tempos, na medida em que a crescente onda de contágio e mortes trazidas pelo vírus da COVID-19 (OMS, 2020) se tornam uma realidade mundial muito avassaladora e capaz de comprometer o andamento do mundo escolar que assentou suas bases na ideia da presencialidade e timidamente evoluí a partir da educação à distância. Pois, que toda a transformação social, política, cultural e psicológica que emergem com a Pandemia são fontes e dados muito significativos para nossa compreen-

são de modelos educacionais que serão heranças dos períodos anterior e posterior ao seu suposto controle pela via da vacinação da população mundial.

A educação que já se desenhava, como desafiadora, e extremamente possibilitada pela variedade do uso mais diversificado das tecnologias digitais, foi implantada no mundo de uma forma muito mais rápida e impositiva do que poderíamos pressupor, se ela seguisse seu curso processual mais regular, sem o "empurrão" deste motivo de força maior, que vem a ser a Pandemia. Referimo-nos ao fato de que sem a possibilidade de estarem presencialmente nas escolas físicas, para assistirem e ministrarem aulas alunos e professores, respectivamente, de acordo com a realidade e conjuntura econômica, social e política de seus países, tiveram que criar, improvisar, aprender e reaprender, de forma mais apaixonada ou menos atrativa, como poderiam ficar em casa e dar sequência a continuidade de seus estudos mediados pelo universo infindo, e ao mesmo tempo limitado, do uso das tecnologias digitais? Infindo porque estas permitem múltiplas ferramentas de criatividade, interação e colaboração para aqueles que podem e querem ter acesso a conexões de internet, espaços e possibilidades estruturais para o favorecimento da aprendizagem, e limitado, porque aqueles que não usufruem de mesmas condições para apenas aprender por esta via, ficaram isolados do processo de aprendizagem por algum tempo.

Sendo assim, é bom que venhamos a resgatar o que foi o modelo de ensino e aprendizagem ao longo da educação que se pretendeu acontecer com alunos e professores cada um em suas casas e estudando e trocando saberes por ferramentas digitais síncronas e assíncronas, em determinados espaços de tempo e vida. Tal realidade educacional funcionou como se a todo instante pudéssemos estivéssemos online para estudar, responder, aprender, ensinar, explicar, acalmar e manter acessa a chama de interesse de que a educação está acontecendo. Claro está que existem duas importantes faces nesse debate: uma de que crianças, jovens e adultos que não têm acesso, à estrutura adequada para este modelo de aprendizagem vão mesmo desanimar, apresentar lapsos no processo de construção de conhecimentos, na aprendizagem e mesmo, em alguns casos, desistirem ou deixarem para aprender e estudar em outro momento

de suas vidas.

Porém, a outra face indica que a aprendizagem remota e híbrida vai ganhar força entre formatos pedagógicos de escolas da rede oficial de ensino e da rede particular também, na medida em que Governos e Empresários enxergam grande vantagem em lucrar com modelos que otimizam resultados e economizam custos. Para além disso, a educação com as tecnologias digitais vai dar um salto porque professores e professoras, escolas e organizações se entendem como espaços com grandes possibilidades de promoção de modelos educacionais que intensifiquem o uso de várias ferramentas digitais e espaços e plataformas virtuais, uma vez que, a cada dia a sociedade requer mais um perfil de indivíduos que possam praticar e oferecer competências e habilidades, que os ajudem a sobreviver neste e no mundo próximo que virá.

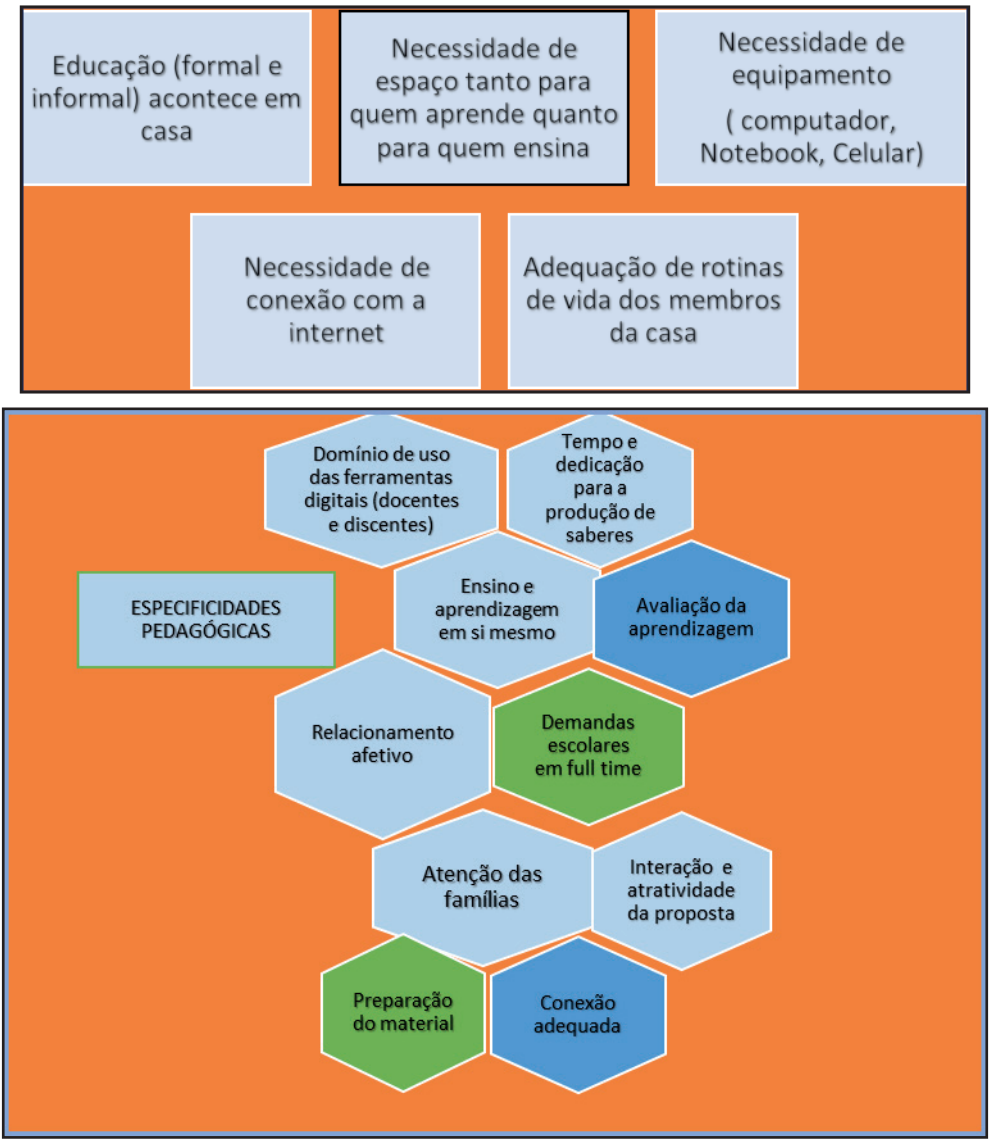
Dessa forma, Manoel e Marihama (2020) mostram que com a Pandemia de Covid-19 emerge um novo relacionamento e forma de construção social fundamentado na necessidade de cooperação, troca, solidariedade, o que redefine também novos olhares e evolução dos trabalhos e projetos em sociedade, educação e cultura. Dessa forma, os autores orientam que a interação professor-aluno acontece de forma exclusivamente virtual e com aplicativos , que ainda não se conheciam suficientemente, mas que vamos correr para saber como usá-los, um despreparo para o enfrentamento desta realidade, tanto de docentes, discentes, como das próprias famílias que também muitas vezes, vão ter que trabalhar em Home Office também, ou não, e não podendo, muitas vezes, contar com a Escola para deixarem seus filhos enquanto precisam sair para trabalhar. Embora, tenhamos o entendimento de que a escola não deve ser considerada como local onde apenas se deixam as crianças, sabemos que, muitos pais e mães, acreditam que seus filhos estão protegidos enquanto lá se encontram, já que esses pais e mães precisam trabalhar fora. E, isso, precisa ser levado em consideração para esse fim.

Em nossos estudos, encontramos a pesquisa importantíssima desenvolvida pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, em parceria com a UNESCO do Brasil e com o Itaú Social (2020), sobre como os professores das redes públicas e privadas do Brasil estavam desenvolvendo suas atividades nas primeiras semanas

de isolamento social, conciliando o trabalho com a vida privada e quais suas expectativas para o período pós-pandemia. Essa pesquisa contou com 14.285 docentes das 27 Unidades da Federação e como os dados apontam, o perfil dos respondentes é: 80,5% mulheres, 64,6% brancas, 50,6 % atuam na Rede Estadual e %7,3 % atuam no Ensino Fundamental. Sendo que 74,4 % são da região Sudeste, 14,3% da Nordeste, 6,4 % da Sul, 2,5% da Centro-Oeste e 2,5% da Norte. Segundo a análise da Fundação Carlos Chagas, mais de 65% das respondentes, apontam que o trabalho pedagógico além de se modificar teve um aumento significativo, com foco nas interações digitais. Além disso, a pesquisa mostra também que quase oito em cada dez professoras afirmam fazer uso de materiais digitais, através de redes sociais para estratégia de ensino. E, também, verifica-se que para 49,3% deste grupo de respondentes, somente uma parte dos alunos realiza atividades e menos da metade realmente consegue aprender algo. Finalmente, destacamos na pesquisa ainda que, mais da metade dos respondentes apontam aproximação maior de vínculos entre família e escola, e família e alunos.

Olhando mais de perto os dados da Pesquisa acima citada, as leituras realizadas e as conversas com professores e professoras, colegas de ofício, além do contexto da educação na Pandemia, vejamos esquematicamente as informações sobre o desenho educacional do Ensino Remoto neste período. Construímos dois esquemas que tendem a informar sobre demandas e realidades vivenciadas por docentes e discentes na tentativa de efetivar o fazer pedagógico nesses tempos.

ESQUEMAS 1: COMPREENSÃO INICIAL DAS DEMANDAS PARA ACONTECER COM A EDUCAÇÃO NO FORMATO EXCLUSIVAMENTE VIRTUAL.



Fonte: criação da autora 2021.

Com os esquemas construídos, procuramos destacar os pontos cen-

trais das demandas e composições possíveis vivenciadas na educação desenvolvida ao longo da Pandemia. Contudo é possível criar cenários diferenciados com toda a herança educacional deixada por estas perspectivas de fazer educacional, com mais ausência de resultados ou menos possibilidade de acessos e participações, precisamos enfrentar o fato de que a educação de hoje, ainda precisará sofrer ajustes em termos de projetos pedagógicos e práticas de ensinar e aprender no âmbito de escolas e famílias. Temos como desafios a preparação dessa educação para o futuro. Um futuro incerto, no qual seremos postos à prova por questões de saúde, meio ambiente e cultura. A educação, como pilar da transformação e segurança social, precisa acompanhar tais novidades.

Na primeira parte do esquema vemos que aparecem as grandes modificações e necessidades de adequações e considerações de cultura e formas de vida de docentes e discentes para a concretização da proposta do aprender e ensinar de casa. Isso porque, como vemos, é necessário ter uma estrutura mínima que permita aos principais atores envolvidos no processo, de fato, o fazerem acontecer com sucesso.

Já na segunda parte do esquema, tentamos elucidar que existem especificidades pedagógicas que estão presentes na proposta de educação trazida pela Pandemia, mas que sobretudo, já estavam presentes em diálogos e apresentações, estudos, para a efetivação do modelo pedagógico da chamada educação do século XXI, cujas bases conceituais traçamos logo no início deste capítulo. Dito de uma forma muito direta, as especificidades pedagógicas deste contexto educacional direcionam-se para questões de tempo e espaço de aprendizagens e de demandas educacionais. Onde se aprende e em que momento vamos desenvolver processos de ensino e aprendizagem, com seus diferentes graus de complexidade e aparato de competências e habilidades necessárias para um novo viver, também estão nessas considerações. Além de repensar formatos de avaliação dos resultados da aprendizagem e de criação e preparação dos materiais e estratégias para serem adotados para a eficácia do ensino e do alcance cognitivo e emocional dos discentes. Finalmente, a própria questão de como as famílias podem estar mais relacionadas com esta educação que seus filhos e filhas, netos e netas passam a buscar e moldar em seus projetos de vida.

Contudo, a partir de agora faz-se necessário entender mais uma ques-

tão que se vincula ao próprio perfil dos discentes que temos e que herdaremos das formas vigentes de ensinar e aprender, para que possamos pensar em estratégias pedagógicas possíveis pra o atendimento de diferentes formas e estilos de aprendizagem. Acreditamos que como aprendemos e de que forma consideramos facilidades e dificuldades nesse processo, pode contribuir para esclarecer mais porque é tão necessário modelos educacionais que associem uma formação mais integral de cada um de nós, entendendo esta como uma articulação e interação das perspectivas cognitiva, motora e emocional.

5. Considerações Finais

Pensamos que entender o perfil e a cabeça das gerações atuais e antigas, que chegam aos espaços de aprendizagem, em associação com estudos de Neurociência, novas formas de ensinar e aprender, são irrevogáveis para as práticas pedagógicas ao longo do processo histórico. Os caminhos da interdisciplinaridade, a profunda interseção entre áreas de conhecimento, a ressignificação do currículo escolar ,que não deve deixar de lado tudo que, muitas vezes, por modismos pedagógicos, somos chamados a considerar, como não úteis, não mais valorosos para o avanço de um desempenho satisfatório de nossos alunos para o progresso de sua formação educacional, precisam sim ser ajustados, de forma humilde, mas interessada, adequada, os movimentos pedagógicos, que envolvem conteúdos, relações, valores, práticas, planejamentos e metodologias, com o objetivo de alcançar sucesso na preparação de pessoas para um mundo melhor, em todos os mais amplos significados, que este pensamento possa ter. Professores e alunos são mais do que parceiros de trocas de conteúdos e relações sociais, são, na verdade, aqueles que têm a promessa de um futuro mais humano, sustentável e empático, em suas mãos, por isso precisam ser aliados em todo processo educacional.

6. Referências

DELORS, Jacques (coord.). Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

FERRIGNO, José Carlos. Coeducação entre gerações. 2. ed. São Paulo: Edições Sesc-SP, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

MARIHAMA, Diego Kenji de Almeida (Org.) Interfaces da Educação: perspectivas de dimensões teórico-práticas [livro eletrônico] / Diego Kenji de Almeida Marihama, Claudiana Ribeiro dos Santos Andrade, Greice Kelly Marinho de Andrade, Viviane Cristina de Mattos Battistello. (Orgs.). Vários autores. – São Paulo: Na Raiz, 2021.

MORAN, José. O Ensino Híbrido: emergência ou tendência? In: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/o-ensino-hibrido-emergencia-ou-tendencia/?fbclid=IwAR3Hu4Ee5c7nIdRtnShoE5TP-CjtVTvTeGUZApMRlzBJwnLsMM7fTNG09JZM. Acesso em 30/04/2021.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed., São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

NIZA, S. 2009. Contextos cooperativos e aprendizagem profissional: a formação no movimento da escola moderna. In J. Formosinho (coord) Formação de Professores – Aprendizagem profissional e ação docente

(pp. 345-362). Porto: Porto Editora.

NÓVOA, A. Pensar laescuela más allá de laescuela. Con-Ciencia Social, n. 17, p. 27-38, 2013.

PESSOA, Romualdo. Meu bloqueio, o novo corona vírus e como vejo essa pandemia. In: PANDEMIA COVID 19 – COMO VIVER EM UM ANO QUE NÃO COMEÇOU - ENTRE A DISTOPIA E A UTOPIA-file:///C:/Users/Ana%20Lucia/Downloads/EBOOK%20-%20ARTIGOS%20DO%20BLOG%20DURANTE%20A%20PANDEMIA%202020.pdf Acesso em 28/04/2021.

PIMENTEL, Mariano. Princípios da educação online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! SBC Horizontes. 23 de maio de 2020. Disponível em <http://horizontessbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online/?fbclid=IwAR2vXZU7YMQubyt1wlBezl52_sHjb5XYrKfJXkUfhV3bkY3yHddQOdb3XzQ> Acesso em 24 de maio de 2020.

SANTOS, Gilberto Lacerda dos. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 307-320, 2011.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar: convite à viagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

VALENTE, José Armando. A comunicação e a educação baseada no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. Revista UNIFESO –Humanas e Sociais, v. 1, n. 1, 2014, p. 141166.

7. OUTRAS FONTES:

Pesquisa: Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica. Educação em Tempos de Pandemia – Informe 1. Fundação Carlos Chagas. São Paulo. In: https://www.fcc.org.br/

fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1#:~:text=Nesse%20cen%C3%A1rio%2C%20o%20Departamento%20de,desenvolvendo%20suas%20atividades%20nas%20primeiras. Acesso 26 de março de 2021.